

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Departamento de Arteterapia

**ARTETERAPIA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL: UM ESTUDO
QUALITATIVO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL**

Iara Simonetti Racy

Julho, 2016

Iara Simonetti Racy

**ARTETERAPIA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL: UM ESTUDO
QUALITATIVO COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de conclusão do Curso de especialização em Arteterapia.

Orientadora: Maria Alice do Val Barcelos

Co-orientadora: Ana Alice Francisquetti

Julho, 2016

*Dedico este trabalho ao meu filho, João Pedro,
que me inspira todos os dias, que me ensina
todos os dias e me provoca contribuir por um
mundo mais justo e despido de preconceitos*

Agradeço todos meus amigos e mestres do Curso de Especialização em Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae pelo aprendizado e pelas transformações que me despertaram. Meu agradecimento especial à Vera Ferretti, minha supervisora de estágio que tanto me incentivou e mostrou as direções do meu caminhar na arteterapia e às minhas orientadoras Ana Alice e Val, que tanto contribuíram para que eu transformasse a minha prática neste trabalho.

Agradeço à equipe da Apabex, Associação que me abriu as portas para que eu pudesse concretizar o meu projeto. Agradecimento especial à diretora Marta e à coordenadora Fernanda pela confiança que em mim depositaram.

Agradeço minha família pelo constante incentivo e ensinamento de sempre lutar pelo que acreditamos e meus amigos que sempre estiveram por perto.

*Mergulho em mim através da arte
e está sendo um prazer me conhecer.*

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo qualitativo do processo arteterapeutico realizado com um grupo na Apabex (Associação de Pais Banespianos de Excepcionais), situada em São Paulo, e tem por objetivo incentivar o aprimoramento da percepção de si e do que ocorre ao redor e avaliar o impacto da arteterapia no desenvolvimento pessoal de adultos com deficiência intelectual. Foram realizados encontros semanais entre os meses de maio/2015 e dezembro/2015 e mais um encontro com cada participante 6 meses após a finalização do processo. Avaliou-se a contribuição do processo arteterapeutico para o desenvolvimento das competências sócio emocionais dos participantes e, mais especificamente, a influência do processo na percepção e memória dos participantes. Foi observado que a arteterapia aprimorou as habilidades motoras e visu-espaciais e a percepção de si, auxiliando na melhora da autoestima e das relações dos participantes. Foi observado, também, que a arteterapia neste processo evidenciou a memória afetiva, proporcionando conexão do grupo com os trabalhos realizados. Diante do observado durante todo o processo, conclui-se que a arteterapia tem uma importância potencial no desenvolvimento e qualidade de vida das pessoas, especialmente quando motivadas, e que a escolha dos materiais oferecidos nos encontros é fundamental para que ocorra envolvimento e maior efetividade nos resultados.

Palavras-chave: arteterapia, deficiência intelectual, cognição, percepção, memória, desenvolvimento pessoal, motivação, criatividade

ABSTRACT

This work consists of a qualitative study of an art therapy intervention carried out with a group of adults from Apabex (Association of Parents Banespa Exceptional), located in São Paulo. The aim of the intervention was to improve self-perception and the perception of what happens around them, and the main objective of the study was to assess the impact of art therapy in the personal development of adults with intellectual disabilities. Weekly meetings were held between the months of May/ 2015 and December/ 2015 and a follow-up individual session was held 6 months after completion of the process. We evaluated the contribution of the art therapy process for the development of social emotional skills and, more specifically, the influence of the process in the perception and memory of the participants. It was observed that art therapy improved motor and visuospatial abilities and self-perception, which had a positive impact on participants' self-esteem and interpersonal relationships. It was also observed that art therapy stimulated the affective memory, providing a connection of the group with their own work. Therefore, it is concluded that art therapy may have an important role in the development and the quality of life of people with intellectual disabilities, especially when motivated. It is also discussed the importance of properly choosing the material used for the process, which is vital for participants' engagement and for the effectiveness of the results.

Keywords: art therapy, intellectual disability, cognition, perception, memory, personal development, motivation, creativity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1. Deficiência Intelectual	09
1.2. Arteterapia	12
Arteterapia Gestáltica	14
1.3. Cognição, memória e percepção	15
2. ESTÁGIO EM ARTETERAPIA	
2.1. O processo arteterapêutico	18
2.2. Três relatos de caso	19
2.2.1. Relato de caso I – Felícia	20
2.2.2. Relato de caso II – Felipe	26
2.2.3. Relato de caso III – Thiago	31
3. DISCUSSÃO	37
4. CONCLUSÃO	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

“O deficiente mental não tem mais lugar no mundo como ‘esmoler’ da nossa bondade, mas sim como indivíduo com direitos inalienáveis de ser integrado em uma humanidade a qual até bem pouco tempo não pertencia.¹”

(Stanislaw Krynski)

Ao longo de nove anos trabalhando com pessoas com deficiência mental, percebo ainda, na nossa sociedade, a valorização enfraquecida das potencialidades, habilidades e do protagonismo das pessoas que possuem a deficiência.

Vygotski (2006) ressalta a importância das relações sociais para a aprendizagem e o desenvolvimento, pois somos formados através de um processo de mediações que temos com elas. Dessa forma, não devemos fixar nosso olhar somente para os aspectos orgânicos da deficiência, mas também, na interação do indivíduo com o meio e suas relações.

O olhar estigmatizado e o preconceito influenciam as relações consigo e com o que ocorre ao seu redor, o que pode prejudicar o seu desenvolvimento intelectual e emocional. Ao contrário, estabelecendo relações positivas e que fazem sentido para suas vidas, podemos observar a influência sobre fatores importantes para o desenvolvimento integral do ser humano, tais como sua autoconfiança e autoestima.

A realização deste trabalho é motivada pelo desejo de contribuir para o aprimoramento do desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual e sua integração social, valorizando suas individualidades e suas vozes, que podem soar através de qualquer parte do corpo.

A arteterapia foi o processo escolhido para que este objetivo possa ser alcançado, pois propicia o contato com diferentes formas de expressão e a estimulação da criatividade e das funções mentais, favorecendo a (re)descoberta de habilidades, reconhecimento e (re)significação de sentimentos, pensamentos e emoções e o despertar de uma nova consciência sobre si e o meio no qual se insere.

¹ MARCUCCI, 2003, pg 61

1. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

1.1. DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

“De acordo com dados preliminares do Censo de 2010, o Brasil possui 45.623.910 de pessoas que apresentam, pelo menos, uma das deficiências pesquisadas (auditiva, visual, motora, mental ou intelectual) o que representa 23,92% do total da população²”. Destes dados, 2.617.025 apresentam deficiência mental ou intelectual.

A definição, de acordo com a Associação Americana de Deficiência Mental (AAMD) é que

“a deficiência mental caracteriza-se por um funcionamento intelectual geral significativamente inferior à média, associado a duas ou mais limitações nas seguintes áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidados, atividades da vida prática, habilidades sociais, utilização de recursos comunitários, auto orientação, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho”³.

As pessoas que possuem uma deficiência intelectual apresentam uma limitação que atinge o seu intelecto, ou seja, sua capacidade de compreensão, o que influencia a sua maneira de aprender, entender e realizar atividades que parecem comuns para as pessoas que não possuem essa deficiência.

Segundo Gherpelli (1995), as pessoas com deficiência mental apresentam uma diminuição do rendimento intelectual, associada a diferentes níveis de transtornos sensoriais, perceptivos-motores, de linguagem, do controle emocional, de adaptação em relação ao meio ambiente e, dependendo da etiologia, alterações orgânicas e na aparência física. Dessa forma, podemos afirmar que há vários tipos e níveis de deficiência intelectual que podem compreender limitações leves a severas.

Encontramos distintas causas para o surgimento da deficiência intelectual, sejam elas pré-natais, perinatais ou pós natais, e, de acordo com Marcucci (2003), “conhecer a causa da deficiência é importante para estabelecer a prevenção de novos casos e também para nortear os

² <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/indicadores/censo-2010>

³ MARCUCCI, 2003, pg 45

atendimentos necessários”. Gherpelli (1995) afirma que a deficiência pode se instalar através de:

- alterações metabólicas, caracterizadas geralmente por déficits hormonais, enzimáticos ou de oxigenação que ocasionam transtornos funcionais e danos ao sistema nervoso da criança.

- alterações cromossômicas, caracterizadas por erros genéticos durante a divisão celular que originam mudanças no número ou na estrutura de cromossomos, responsáveis pelas informações necessárias à formação do nosso organismo.

- malformações do sistema nervoso, produzidas ainda na fase intra-uterina, durante a formação do cérebro.

- lesões cerebrais adquiridas, resultantes de agressões sofridas pelo cérebro durante a vida do indivíduo.

- problemas ligados a fatores socioculturais, tais como desnutrição infantil severa e privação de estímulos ambientais determinadas por carências sociais, econômicas e culturais.

Após a deficiência instalada no organismo, podemos verificar, através do processo de desenvolvimento, a intensidade das limitações e dificuldades encontradas nas diferentes áreas de sua vida. Se formos analisar o quociente de inteligência, segundo a Organização Mundial de Saúde, podemos classificar a deficiência intelectual em leve, moderado, grave e profundo, classificação esta que pode ser encontrada no CID10, F70-F79.

As pessoas com deficiência intelectual podem desenvolver habilidades de acordo com o seu grau de deficiência, sejam essas habilidades sociais, cognitivas, comportamentais, afetivas, motoras ou artísticas. Porém, é importante que sejam oferecidos espaços para tal desenvolvimento e que a família e a sociedade estejam abertas às oportunidades que favoreçam o crescimento e o bem-estar da pessoa, estabelecendo estratégias adaptadas para o seu aprendizado, pois apresentam um ritmo diferente e uma necessidade de atenção diferenciada à sua adaptação e integração ao meio.

“o desenvolvimento, afetado por uma deficiência, representaria um processo criativo, gerado pela incapacidade que daria origem a novos processos –

substituindo, equalizando e criando diferentes rotas de desenvolvimento”. (BRAGA, 1995, pg. 66)

Para Vygostky, a deficiência não é somente limitação, mas, também, potencialidade. A superação das dificuldades orgânicas relacionadas à deficiência encontra no desenvolvimento pessoal a compensação, ou seja, através de mediações e interações com o meio, podem ser encontradas e estimuladas habilidades que estejam íntegras e, dessa forma, explorar possibilidades de ser. Coelho, Barroco e Sierra definem a compensação de Vygotsky como:

A compensação refere-se ao processo substitutivo que garante o desenvolvimento, ou seja, quando uma ou mais vias de apreensão do mundo e de expressão não estão íntegras ou não podem ser formadas, o indivíduo pode eleger outras que estejam íntegras. Isto lhe permite estar no mundo e com ele se relacionar.

Ou seja, não é sobre sua dificuldade que é construído o seu destino, mas sim no convívio social, no investimento às potencialidades, na abertura de espaços que lhe forneçam voz, na criação de oportunidades que auxiliem a transformação sadia dos seres.

Quando não são abertas possibilidades de convívio social e estímulos para o desenvolvimento, a pessoa com deficiência mental tende a se isolar da sociedade e, em certos casos, até de si mesmo, levando a grandes prejuízos na sua autoestima e autoconfiança e reduzindo suas chances de desfrutar da vida e de reconhecer suas possíveis habilidades.

Verifico em minha experiência profissional a importância das atividades artísticas para o desenvolvimento das pessoas envolvidas. Desenvolvimento não somente relacionado à cognição e à criatividade, mas, também, à autoestima, autoconfiança, reconhecimento de suas potencialidades, superação de limites, apropriação de novas habilidades e aprendizagens, entre outros.

Viver envolve um trabalho, o processo de a gente se tornar aquilo que é potencialmente. Na arte de viver, o homem é simultaneamente o artista e o objeto de sua arte. (FROMM, 2002, pg.95)

1.2. ARTETERAPIA

“O caminho se faz ao caminhar”

(Guimarães Rosa)

A arteterapia é um processo simbólico que possibilita a expressão do nosso mundo interior independente da dificuldade que possuímos, pois a arte apresenta inúmeras linguagens, facilitando que qualquer pessoa encontre uma maneira de transmitir suas ideias, sentimentos e emoções.

No Brasil, a arteterapia ganha destaque com o trabalho pioneiro de Nise da Silveira, que sempre preferiu a utilização do termo Emoção de Lidar, cunhada por um dos clientes frequentadores das oficinas expressivas, onde tratamentos de reabilitação para pacientes esquizofrênicos eram realizados...para ela as produções deveriam estar desprovidas de valor artístico... a denotação de artista para um cliente estaria desvirtuando a finalidade do exercício: o de trazer a luz um conteúdo inconsciente para ser confrontado e integrado. (URRUTIGARAY, 2011, pg. 26)

As obras produzidas em uma sessão arteterapêutica são expressões autênticas e não possuem preocupação com técnica ou estética. Elas têm um valor simbólico que representa a expressão do sujeito, sua visão do mundo. Elas permitem que os sujeitos olhem a concretização dos sentimentos e emoções expressos e reconheçam novos sentidos e novos olhares sobre si mesmo e sobre o que ocorre ao seu redor provocando, assim, uma transformação. Segundo Francisquetti (2004),

...a arteterapia cuida da pessoa humana em sua totalidade e em sua essência mais profunda, integrando as áreas básicas do homem (neurológica, cognitiva, afetiva e emocional) e promovendo o aprimoramento das funções egóicas (percepção, atenção, memória, pensamento, capacidade de previsão, exploração, execução, controle da ação).

Os recursos envolvidos no processo arteterapêutico abrangem a pintura, o desenho, a colagem, a dança, a música, a escrita criativa, a modelagem, a fotografia, o bordado, entre outros. É no processo do fazer arte que

encontramos a essência da arteterapia: os movimentos, as posturas, as sensações, as percepções, as relações, as leituras do início ao fim da sessão. Ela propicia o contato com conteúdos que podem apresentar dificuldade de serem expressos verbalmente. Este mergulho nas possibilidades encontradas em arteterapia tende a aprimorar o desenvolvimento pessoal (psicológico, emocional, sensorial, criativo, motor e cognitivo).

Para Urrutigaray (2011),

a finalidade da arteterapia consiste em possibilitar a emergência de uma imagem imaginada transposta em imagem criada, a partir da utilização de materiais plásticos que cedem sua flexibilidade e maleabilidade a quem os utiliza para expressar seus conteúdos íntimos.

Levando em consideração que cada indivíduo traz consigo sua história, sua personalidade, suas habilidades, suas limitações, sua bagagem de emoção, ou seja, sua individualidade, é preciso estar atento à escolha dos materiais que serão disponibilizados durante um processo arteterapêutico. Segundo Ciornai (2004)

o objetivo de um terapeuta ao sugerir um experimento é, frequentemente, ajudar a intensificar e a aprofundar o contato da pessoa com um tema que esteja sendo emergente, proporcionando-lhe possibilidades de vê-lo e vivenciá-lo de outras perspectivas.

Philippini (2009) pontua algumas linguagens e materiais expressivos e suas características para o uso em arteterapia. A colagem apresenta pouca dificuldade operacional e propicia um campo simbólico de infinitas possibilidades de estruturação, integração, organização espacial e descoberta de novas configurações, não somente através das imagens, mas também de suas relações. A pintura apresenta fluidez, intensa mobilização emocional através das cores e as formas líquidas nos levam ao contato com o “abrir mão do controle”. Pode ser trabalhada, entre outras situações, com a experimentação do inusitado e com a ativação do fluxo criativo. Ainda segundo Philippini, o desenho é, geralmente, acompanhado com muito temor (com

exceção das crianças), pois vem acompanhado com a preocupação estética. Ele pode ser trabalhado na percepção de ponto-traço-linha, na objetividade, na coordenação viso-motora, entre outros. A tecelagem, a costura e o bordado possuem propriedades de atenção, cuidado, organização, concentração, desenvolvimento psicomotor. Por fim, a modelagem traz uma concepção tridimensional das questões trabalhadas em arteterapia. Apresenta um processo operacional mais difícil, envolvendo desafios de organização espacial e capacidade de formar estruturas. Para a autora a argila, por se tratar de um material orgânico, vivo, úmido e que propicia trocas de temperatura, ativa mais rapidamente os conteúdos inconscientes. A modelagem tem propriedade relaxante e liberadora de tensão, trabalha a percepção tátil, propicia a consciência de volume, peso e temperatura e desenvolve a coordenação motora.

Estes são apenas alguns exemplos de materiais expressivos que podemos utilizar em um processo arteterapêutico. A escolha do material dependerá de como o cliente se apresenta e de como ele se sentirá a vontade para se expressar. Essa escolha está vinculada à relação entre arteterapeuta e cliente.

Arteterapia Gestática

Segundo Cionai (2004),

a Gestalt terapia abraçou, desde seu início, uma perspectiva psicossocial, promovendo uma visão de ser humano como ser-no-mundo, parte integrante e inseparável do sistema organismo-meio. Nessa perspectiva, o indivíduo é visto como um ser relacional, em constante processo de devir e intercâmbio criativo com o meio.

Ainda segundo a autora, somos sujeitos da própria história e artistas da própria vida e podemos interagir de forma criativa com o meio para reorganizarmos nossa existência e, assim, provocar nossa transformação. Dessa forma,

a relação da Gestalt-terapia com a criatividade tem suas raízes na concepção existencial do ser humano

na qual este é considerado como possível artista de si, alquimista de sua existência.

Ser alquimista de sua existência é ser responsável por suas escolhas, suas ações, seus pensamentos e a arteterapia auxilia no reconhecimento deste protagonismo através da arte.

Baseado no gestaltismo que, segundo Kastrup (2007), propõe a percepção além da atividade de reconhecimento de formas, mas, também, de sua segregação, de seu recorte em relação a um fundo, a arteterapia gestáltica propicia novas percepções e reconfigurações das imagens expressas de acordo com as vivências pessoais.

Em Gestalt-terapia, consideramos o todo diferente da soma de suas partes, pois estamos em constante movimento existencial e, segundo Ginger e Ginger (1995), “uma parte em um todo é algo bem diferente desta mesma parte isolada ou incluída em um outro todo”. Sendo assim, o nosso campo perceptivo busca a “boa forma” que é a percepção do conjunto com coerência interna no contexto do aqui e agora.

1.3. COGNIÇÃO, MEMÓRIA E PERCEPÇÃO

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, entendemos como inteligência o conjunto de todas as faculdades intelectuais (memória, imaginação, juízo, raciocínio, abstração, concepção...) e como cognição, a função da inteligência relacionada ao processo de aquisição do conhecimento. Segundo Sá (2015), “Cognição é o ato ou processo da aquisição do conhecimento que se dá através da percepção, da atenção, associação, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem”. Ou seja, a inteligência é a capacidade de compreensão e aprendizado e a cognição é o processo, a forma como você adquire o conhecimento e está diretamente relacionada às capacidades intelectuais. Assim, inteligência e cognição são termos relacionados, porém distintos.

Este trabalho que aqui apresento terá um olhar sobre o desenvolvimento pessoal dos participantes do processo arteterapêutico focado em duas funções importantes para o desenvolvimento da cognição: memória e percepção. Vários

são os aspectos relacionados ao aprimoramento dessas funções e me basearei nas relações voltadas à repetição, motivação e significado para realizar a leitura deste trabalho.

Numa perspectiva sócio-interacionista de L. Vygotsky, segundo Rabello e Passos,

o desenvolvimento – principalmente o psicológico/mental (que é promovido pela convivência social, pelo processo de socialização, além das maturações orgânicas) – depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos.

Para Vygotsky, a aquisição do conhecimento é realizada através de mediações. O desenvolvimento cognitivo se dá nas trocas, na interação intra e interpessoal com o meio. Essa interação possibilita a conquista de novas experiências e novos aprendizados. É sempre a partir das relações que os indivíduos internalizam conceitos e dão sentido para eles.

Nossos cinco sentidos (audição, olfato, tato, paladar e visão) são o primeiro contato que temos com o que encontramos ao nosso redor. Quando nos envolvemos com as sensações causadas e atribuímos sentido a elas, podemos alcançar a percepção do que nos foi apresentado. Segundo Schiffman (2005):

A percepção refere-se ao produto dos processos psicológicos nos quais significados, relações, contextos, julgamento, experiência passada e memória desempenham um papel. (...) Ela envolve organização, interpretação e atribuição de sentido àquilo que os órgãos sensoriais processam inicialmente.

Retter, arquivar e resgatar essas percepções é função da nossa memória. Segundo Abreu, Rivero, Coutinho e Bueno (2014), a complexidade da memória diz respeito ao envolvimento de diversos processos de recepção, arquivamento e recordação de informações.

Esses processos podem ser intensificados através da atenção que o indivíduo presta à informação, da motivação que o indivíduo tem em relação à

informação, da repetição apresentada da informação e das emoções que a informação causa.

De acordo com Santos (2004), a aquisição do conhecimento depende da atenção e da percepção. A retenção consiste na conservação do conhecimento através de uma representação significativa no cérebro e é reforçada pela repetição ou pela associação com outros dados já armazenados na memória. E a recordação refere-se ao acesso à informação armazenada, que pode ser um ato espontâneo ou se dar por busca voluntária ou através de pistas. A recordação pode ser influenciada por fatores internos (humor, motivação, necessidade, interesse) ou externos (local, ambiente, pessoas presentes).

Assim como a memória, a nossa percepção está diretamente ligada à nossa subjetividade. Cada indivíduo percebe e interpreta o mundo de forma única, de acordo com suas experiências e motivações pessoais. A cada nova percepção, o indivíduo pode sofrer uma transformação pessoal, pois, segundo Vygotsky (1991), a percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento, ou seja, as transformações dos processos perceptivos se relacionam com as transformações em outras atividades intelectuais.

2. ESTÁGIO EM ARTETERAPIA

2.1. O PROCESSO ARTETERAPEUTICO

Ao desenvolver meus trabalhos de expressão corporal e audiovisual com pessoas que possuem déficit intelectual, são trabalhados processos criativos através de diferentes linguagens artísticas e o resultado desses encontros me incentivam e me motivam a continuar ampliando o trabalho que realizo, disseminando-o para outros segmentos e contribuindo para o desenvolvimento do público atendido com mais qualidade.

Escolhi a APABEX – Associação dos Pais Banespianos de Excepcionais para realizar o estágio necessário para minha formação de Arteterapeuta. Esta associação foi “fundada no dia 15 de agosto de 1985, por funcionários do antigo Banespa (Banco do Estado de São Paulo), e tem por finalidade proporcionar retaguarda de apoio familiar e assistência direta especializada a pessoas com deficiência intelectual”⁴. Ela conta com equipes técnicas multidisciplinares e atende em duas unidades: Vila Mariana, bairro da capital de São Paulo e Vinhedo, interior de São Paulo.

O estágio teve por objetivo utilizar a arte como instrumento que favorece a formação do indivíduo e incentivar o aprimoramento da percepção de si e do que ocorre ao seu redor.

Durante o processo arteterapeutico na Apabex, realizei oficinas semanais com o intuito de contribuir e auxiliar no desenvolvimento das competências sócio-emocionais dos participantes, tais como o sentimento de pertencimento, autonomia, autoestima, identidade, criatividade, relacionamento interpessoal, integração, protagonismo, entre outros.

Os encontros foram semanais, entre os meses de maio/2015 e dez/2015. Em maio de 2016 foram realizados mais um encontro com cada participante retomando os trabalhos produzidos em 2015.

O grupo contou, a princípio, com quatro participantes encaminhados pela própria Apabex.

Vanessa, que possui Síndrome de Down com um quadro psiquiátrico que envolve um isolamento e dificuldade de expressão e integração social, foi uma das pessoas encaminhadas para o grupo na tentativa de que ela pudesse

⁴ <http://www.apabex.org.br>

superar esse quadro. Ela pouco participou dos encontros e, enquanto presente na sala, pouco interagiu e realizou as propostas (menos de 10% dos encontros). O encaminhamento desta integrante no final do processo foi o atendimento individual e acompanhamento medicamentoso na tentativa de que, posteriormente, possa se sentir a vontade para a relação com o grupo.

Dessa forma, não integrará este trabalho, pois não há dados suficientes para relatar resultados do processo da arteterapia no seu desenvolvimento.

Os demais integrantes apresentam distintas personalidades e comprometimentos que serão discriminados a seguir em “três relatos de caso”.

Apresento o resultado deste trabalho desenvolvido na associação com o intuito de contribuir para a reflexão de questões importantes relacionadas ao desenvolvimento integral dos indivíduos a partir da arteterapia.

2.2. TRÊS RELATOS DE CASO

“Fazer arte” em um sentido literal envolve vários níveis humanos como o sensorio motor, o emocional, o cognitivo e o intuitivo. Por meio da atividade com arte, o sujeito transforma a realidade e a si mesmo, promovendo o desabrochar da percepção, da organização e a ordenação de seu pensamento, possibilitando a compreensão do momento circunstancial, bem como a dimensão de si mesmo. (URRUTIGARAY, 2011, pg.41)

Visto que o grupo que me foi indicado possui uma heterogeneidade de níveis de comprometimento intelectual, ao longo do processo arteterapêutico fui observando as relações entre os componentes do grupo, entre eles com eles próprios e entre cada um deles comigo para que pudesse estabelecer a força da arte na expressão, na aprendizagem, no desenvolvimento e nas relações.

Neste trabalho, darei ênfase ao desenvolvimento pessoal de cada um dos participantes durante o processo. Relato aqui os principais pontos observados.

Foram realizados 23 encontros em grupo e 8 encontros individualmente (2 com cada um dos participantes)

Dividi os relatos nas seguintes partes:

- 1) Dados pessoais: idade, diagnóstico e escolaridade

- 2) Comportamento durante os encontros arteterapeúticos: o que foi observado durante todo o processo, que foi se repetindo e/ou se alterando.
- 3) Materiais e expressão plástica: relação do participante com os materiais e os trabalhos que produziu nos encontros.
- 4) Encerramento individual do projeto: encontro com o objetivo de olhar todos os trabalhos produzidos e entrar em contato com as sensações despertadas.
- 5) Retomada dos trabalhos seis meses depois (individualmente): novamente entrar em contato com todos os trabalhos produzidos em 2015 e entrar em contato com as sensações despertadas.

2.2.1.RELATO DE CASO I – Felícia

Dados pessoais

Felícia, 35 anos, é a segunda de quatro irmãos. Possui Síndrome de Prader-Willi. Essa síndrome tem origem genética localizada no cromossomo 15 que afeta o sistema nervoso central, causando comprometimento na aprendizagem e no desenvolvimento físico e mental, instabilidade emocional e imaturidade nas trocas sociais, atraso no desenvolvimento sexual e uma compulsão alimentar, o que, por consequência, pode levar a obesidade.

Felícia apresenta deficiência intelectual moderada. Frequentou escola infantil e, aos 7 anos ingressou em sala especial de escola estadual. Até 1995 a escolarização visava alfabetização e raciocínio lógico, porém sua limitação impediu a alfabetização e, então, ingressou em programas voltados a atividades pedagógicas com prioridade para as atividades ocupacionais.

Comportamento durante nos encontros arteterapeúticos

Felícia participou de 21 dos encontros em grupo e, durante o processo, apresentou traços de obsessão por detalhes, mostrou tendência a trabalhar sozinha, tendo dificuldade em aceitar ajuda. Demonstrou, ainda, uma vontade de ocupar muito espaço, por vezes deixando os colegas “apagados” nas atividades em grupo.

Felícia tem boa compreensão dos temas tratados e das instruções dadas nos encontros, realizou a maior parte dos trabalhos com disposição e dedicação, porém apresentou dificuldade em se expressar verbalmente, apresentou pouca elaboração, principalmente quando o grupo estava completo. Apresentou ficar mais a vontade quando havia somente dois participantes.

Material e expressão artística

Desde o início dos encontros, Felícia se expressou através de muitas cores e no trabalho de apresentação (figura 1), representou flores, pois gostaria de mostrar a sua beleza para o grupo que estava se formando.

Felícia teve iniciativa na maior parte das atividades e seu ritmo foi mais lento que o dos demais participantes por conta da sua atenção aos detalhes e à perfeição, fazendo com que, em alguns encontros, não conseguisse finalizar as propostas.

Apesar de seu envolvimento em todos os encontros e sua participação dedicada na realização dos trabalhos, Felícia pouco verbalizou sobre suas expressões, colocando frases como “não sei” (sic) e “não significa nada, fui fazendo” (sic) em grande parte deles quando eu sugeria que falasse sobre o que tinha expressado.

Temas como cores, casa, flores e pessoas cuidando de animais foram recorrentes em seus trabalhos. Foi recorrente, também, a satisfação em preencher todo o espaço disponível quando fazia pinturas. Apesar de apresentar rigidez quanto aos detalhes e refazer alguns trabalhos, Felícia se mostrou tranquila durante o processo artístico.

Somente em quatro encontros, Felícia demonstrou inquietação no comportamento:

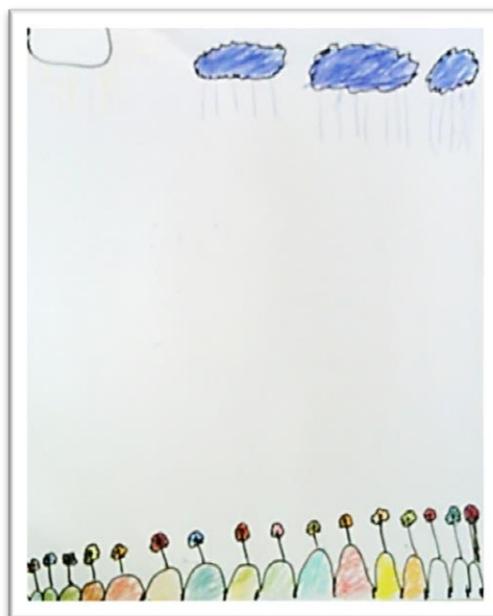


Figura 1- 1º encontro: quem sou eu? expressar algo sobre si que queira contar para o grupo.

- Pintura na caixa com bola de gude (figura 2): apresentou muita inquietação e ansiedade por não conseguir controlar a bolinha e, diversas vezes, utilizou uma colher para preencher os espaços da pintura;



Figura 2 - 11º encontro: retorno das férias. Encontro para retomar o grupo e lidar com o tema "imprevisível". A pintura na caixa com bola de gude consistia em controlar o movimento da bola para realizar uma pintura no fundo da caixa, onde Felícia colocou tinta laranja.

- Produção de uma cesta de barbante na bexiga (figura 3): ficou inquieta quando não conseguia fixar o barbante na cola e dizia não saber fazer a atividade, demonstrando frustração, até que pediu e aceitou ajuda;

Figura 3 - 14º encontro: confeccionar uma cesta de barbante utilizando uma bexiga como molde. É a "cesta de sentimentos", onde poderíamos guardar o que sentimos.



- Desenho da cesta de sentimentos (figura 4): Felícia ficou pensativa e demorou a tomar uma iniciativa. Disse que não sabia desenhar uma cesta, ficou inquieta com essa sensação e desenhou uma casa;



Figura 4 - 15º encontro: representar em um papel em branco a cesta de sentimentos feita no encontro anterior.

- Flotagem em grupo (figura 5): relatava não saber o que fazer e recusou algumas propostas



Figura 5 - 19º encontro: integração, eu no grupo. Foi um encontro para falar de individualidade e grupo. Os participantes fizeram uma imagem em grupo com um barbante e cada um fez uma flotagem dessa imagem. Sobre essa flotagem, fizeram a expressão individual.

De acordo com essas informações, pude perceber que a inquietação surgia quando Felícia não conseguia ter o controle das suas ações, seja porque o material não era preciso ou porque o trabalho era feito em conjunto.

Encerramento individual do projeto

Apesar de Felícia pouco verbalizar sobre suas expressões, pude observar durante todo o processo uma alteração positiva no seu comportamento e percepção. E foi na atividade de fechamento que pude perceber melhor a importância que os encontros tiveram para ela.

Ao olhar todos os seus trabalhos sobre a mesa, expressou alegria no seu rosto. Lembrou do processo da grande maioria deles.

Seu trabalho em argila se quebrou em pedaços (figuras 6 e 7). Esperando que ela ficasse ansiosa por demonstrar busca de perfeição, fiquei admirada quando, ao ver sua argila quebrada em pedaços, escolheu não arrumar.



Figura 6 – 20º encontro: a forma e a cor das sensações trazidas pelo toque na argila.



Figura 7 – após secar, a argila se quebrou em alguns pedaços.

Observei uma percepção visual da Felícia ampliada quando ela enxergava em seus trabalhos, além daquelas imagens citadas em 2015 no momento de realização da expressão, novas imagens que não havia imaginado anteriormente somando à sua primeira percepção. Isso demonstra movimento.

Felícia fez referencia ao trabalho da mandala com as mãos (figura 8), pois gosta de usar as mãos para fazer pinturas, e contou que o trabalho que mais gostou foi o da pintura com bexiga (figura 9), no qual enxergou flores e folhas.



Figura 8 - 9º encontro: mandala das mãos. Identificação com o tato (temperaturas, texturas, ações). Após essas sensações, realizadas em atividades em grupo, fizeram a mandala das mãos individualmente.

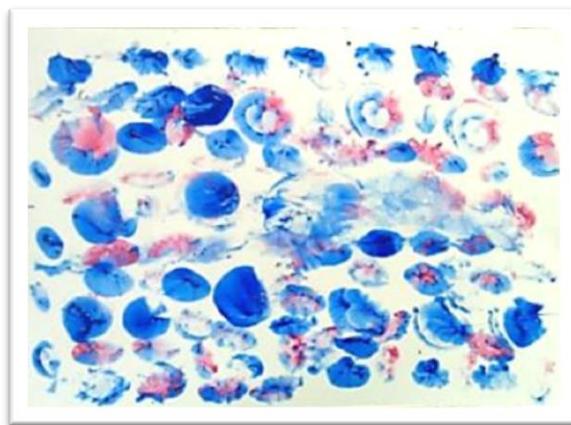


Figura 9 - 13º encontro: motricidade, percepção, integração. Os participantes fizeram pinturas individuais e em grupo com a bexiga e observaram as imagens que elas traziam.

Questionada sobre o que esses dois trabalhos têm da Felícia, respondeu que são as flores e as mãos. Flores que estão presentes desde o nosso primeiro encontro e que se tornam mais vivas no decorrer do processo (figuras 10 e 11).



Figura 10 - 1º encontro: primeiro trabalho representando a Felícia.

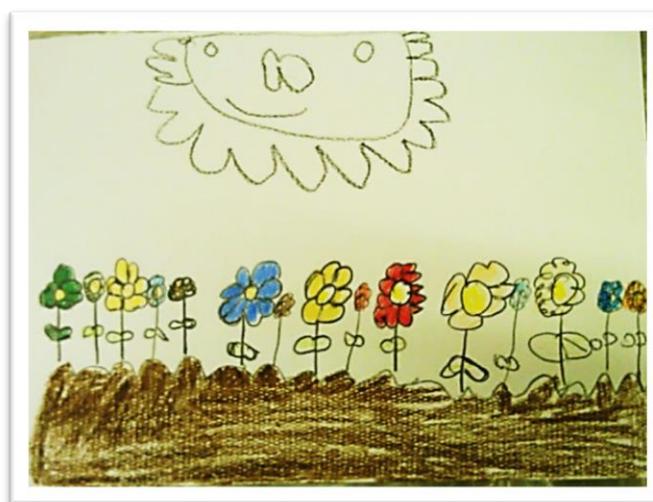


Figura 11 - 16º encontro: representação "se você fosse uma flor, que flor seria?"

Preenchemos a cesta de sentimentos com cores, sensações e aprendizados (figura 12). Felícia disse que o convívio comigo e com seus colegas foi bom. Que aprendeu sobre relações no convívio com os outros e que o que aprendeu sobre si foi “ser livre” (sic).



Figura 12 - encerramento do processo realizado individualmente com a Felícia. Para cada sentimento, sensação ou aprendizado, uma cor.

Retomada dos trabalhos 6 meses depois (individualmente)

Seis meses depois, foi feito novamente um encontro para observar os mesmos trabalhos realizados durante o ano de 2015.

Felícia, novamente, lembrou de quase todos os trabalhos, como foi feito e o que foi tratado em cada um deles. Pedi, então, que me apontasse:

- o material que mais gostou de usar: argila⁵ “porque é gostoso, é de barro e suja as mãos” (sic).
- o trabalho que mais gostou de fazer: flotagem em grupo⁶, onde viu um sapo.
- o trabalho que achou mais bonito: a mandala das mãos⁷, pois gosta de fazer pinturas e lavar as mãos.
- o trabalho mais fácil: pintura com bexiga⁸ (onde viu flor, folhas e bichos na água)

Novamente perguntei o que tem da Felícia nesses trabalhos escolhidos e ela respondeu “flores” (sic).

Pude perceber que trabalhos relacionados há seis meses reapareceram, como o das mãos, o da argila e a pintura com bexiga, reforçando o sentido que eles têm para ela. Chamou atenção que o trabalho que mais gostou de fazer foi aquele que ela se recusou a seguir a proposta, o que me remete à sensação de liberdade que ela relata ter nos encontros.

⁵ Figura 7

⁶ Figura 5

⁷ Figura 9

⁸ Figura 8

Pedi que fizesse uma composição com seus trabalhos escolhidos e tirasse uma fotografia para registrar.



Figura 13 - retomada dos trabalhos seis meses depois feito individualmente com Felícia. Esta imagem é a composição que criou e fotografou dos trabalhos escolhidos.

Diante de tudo o que foi vivenciado nos encontros e apresentado neste relato, percebo que o processo arteterapêutico para a Felícia tem contribuído para seu bem estar, para sua autoestima, para sua autoconfiança, para sua livre expressão, para melhorar sua participação em trabalhos em equipe, para estimular sua criatividade e para ampliar sua percepção, inclusive para aceitar e admirar figuras imperfeitas e fora de padrão.

2.2.2.RELATO DE CASO II - Felipe

Dados pessoais

Felipe, 44 anos, penúltimo filho de 8 irmãos, tem diagnóstico de deficiência intelectual leve (F70 – CID 10). É alfabetizado e estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Possui um modo de raciocínio concreto e relaciona seu pensamento com a vida prática. Possui dificuldade para compreender atividades que envolvem raciocínio abstrato. Está acostumado com sua rotina e incomoda-se em alterá-la.

Comportamento durante nos encontros arteterapêuticos

Felipe participou de 18 dos encontros em grupo.

Durante os encontros, apresentou dificuldade em começar a fazer as atividades, dizendo não saber fazer. Manifestou, já no primeiro encontro, seu

desinteresse em fazer pinturas. Diversas vezes precisou de incentivo e reforço de que não há regras para se expressar para que ele pudesse realizar as atividades.

Ao fazer seus trabalhos e enxergar os resultados, demonstrou orgulho, especialmente quando era algo que não tinha feito ainda. Frases como “eu até que criei” (sic) ou “eu fiz uma história” (sic) vinham acompanhados de um sentimento de orgulho.

Apesar da necessidade de incentivo e estímulo para a execução e leitura das atividades, apresentou boa percepção dos trabalhos, relacionando sempre a algo do seu cotidiano ou de objetos conhecidos.

Antes de encerrarmos o projeto, Felipe pediu para sair do grupo e, após conversarmos sobre a finalização dos encontros, resolveu continuar participando.

Materiais e expressão artística

Felipe apresentou tendência a utilizar os mesmos materiais quando podiam escolher com o que trabalhar. Suas expressões eram, geralmente, simples e monocromáticas. Optava por utilizar somente um dos materiais disponíveis.

Atividades de colagem o deixavam mais a vontade e com mais iniciativa, porém os trabalhos que tinha dificuldade em começar eram os que mais lhe traziam satisfação por conseguir cumprir.

Encerramento individual do projeto

No encerramento, olhou seus trabalhos na mesa e indagou “nossa, eu fiz tudo isso?” (sic) colocando que acrescentaria na sua apresentação a alegria por fazer algo que nunca tinha feito.

Os trabalhos que mais gostou foram a pintura com a bexiga (figura 14), pois foi um trabalho diferente, e as formas geométricas (figura 15). A flotagem do grupo (figura 16) também lhe chamou a atenção, dizendo que eram montanhas.

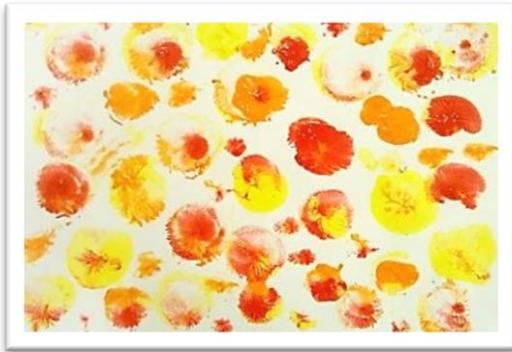


Figura 14 – 13º encontro: motricidade, percepção, integração. Os participantes fizeram pinturas individuais e em grupo com a bexiga e observaram as imagens que elas traziam.

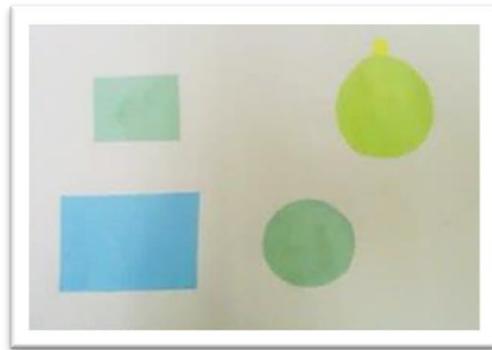


Figura 15 – 6º encontro: atividade de identificação e integração das formas geométricas. O tema trabalhado foi “minha casa”.



Figura 16 - 19º encontro: integração, eu no grupo. Foi um encontro para falar de individualidade e grupo. Os participantes fizeram uma imagem em grupo com um barbante e cada um fez uma flotagem dessa imagem. Sobre essa flotagem, fizeram a expressão individual.

Disse que foi uma felicidade participar do grupo, que aprendeu com o grupo mais sobre o respeito e a educação e aprendeu sobre si que “as vezes dá branco, mas eu tentei e consegui” (sic). Ao solicitar que representasse essa felicidade através de um trabalho que havia feito, ele escolheu a caixa pintada com a bola de gude (figura 17) e disse que representava uma rede.



Figura 17 - 11º encontro: retorno das férias. Encontro para retomar o grupo e lidar com o tema “imprevisível”. A pintura na caixa com bola de gude consistia em controlar o movimento da bola para realizar uma pintura no fundo da caixa.

Retomada dos trabalhos seis meses depois (individualmente)

Seis meses depois, olhando novamente seus trabalhos, não recordou do processo de grande parte deles, fornecendo informações diferentes do que realmente foram. Lembrou das montanhas da flotagem⁹ e disse que este foi o material que mais gostou de usar, indicando que este trabalho foi significativo para ele.

O trabalho que mais gostou de fazer foi a pintura com a bolinha de gude¹⁰, pois foi uma atividade diferente, que nunca tinha feito. Os mais bonitos foram a imagem espelhada (figura 18) e o trabalho de apresentação (figura 19).



Figura 18 - 11º encontro: primeira atividade do dia, a figura espelhada. Tema do encontro: retomada do grupo e lidar com o imprevisível.

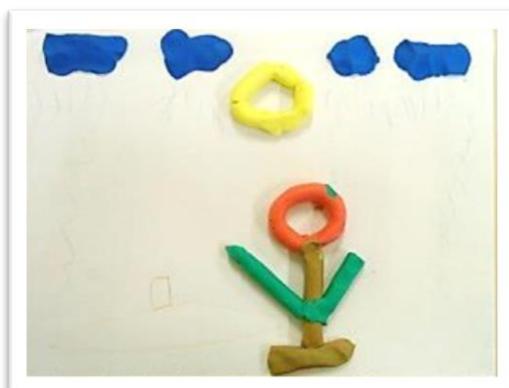


Figura 19 - 1º encontro: quem sou eu? expressar algo sobre si que queira contar para o grupo.

⁹ Figura 16

¹⁰ Figura 17

O mais fácil foram as formas geométricas¹¹. O mais difícil foi o desenho da cesta de sentimentos (figura 20) porque diz não saber desenhar e o que menos gostou de fazer e que teve um resultado que ele não gostou foi o desenho do leão (figura 21).

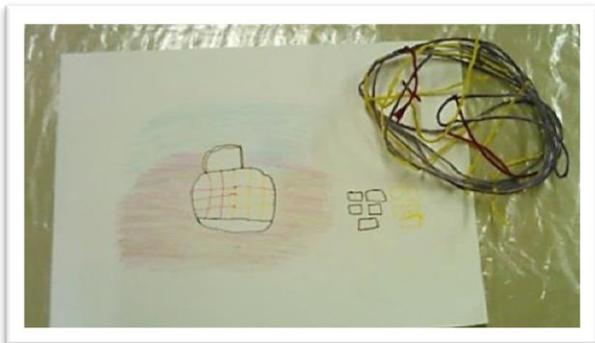


Figura 20 - 15º encontro: representar a cesta de sentimento que foi produzida com barbante no encontro anterior.



Figura 21 - 5º encontro: representar o personagem da história que criaram no encontro anterior. Como ele é? O que ele faz? Onde ele está? Representaram o leão.

Felipe manifestou que não gosta de fazer atividades de arte e que gostaria de ficar em sua atividade de trabalho na associação. Pediu, novamente, para sair do grupo.

Pedi que fizesse uma composição com os trabalhos escolhidos. Organizou de forma linear e “escondeu” o desenho que não gostou embaixo do seu trabalho de apresentação.

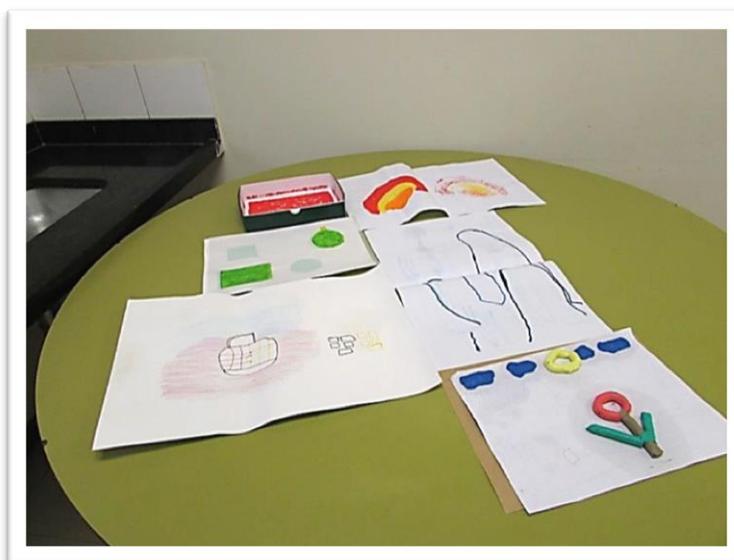


Figura 22 - retomada dos trabalhos seis meses depois feito individualmente com Felipe. Essa imagem representa a composição que criou e fotografou dos trabalhos escolhidos.

¹¹ Figura 14

Diante do que foi observado, pude perceber que a arteterapia contribuiu para o reconhecimento de que Felipe pode sair de sua rotina e fazer coisas diferentes que trazem um resultado satisfatório. Demonstrou orgulho por suas criações. Porém, a falta de interesse e a tendência ao raciocínio concreto dificultaram o seu envolvimento com algumas propostas e, conseqüentemente, o alcance que elas poderiam lhe proporcionar.

2.2.3.RELATO DE CASO III - Thiago

Dados pessoais

Thiago, 49 anos, possui comprometimento neuromotor consequência de meningite, uma infecção da membrana que reveste o cérebro. Apresenta encefalopatia crônica (742-9) e tetraparesia espática e convulsões dominadas (345-1). Possui retardo na fala e linguagem e distúrbio articulatorio. Apresentou convulsões com crises variáveis de mioclonias, pertinentes à Síndrome de Lennox-Gastaut associada ao seu quadro e faz tratamento antiepilético. Participou ao longo da vida de oficinas pedagógicas com terapia ocupacional, fonoaudiologia e fisioterapia.

Comportamento durante os encontros arteterapeúticos

Thiago participou de 14 dos encontros em grupo.

Não apresentou iniciativa, esperou ajuda nas atividades. Demonstrou incomodo em sujar as mãos, sendo que lavava muitas vezes quando utilizávamos cola, giz ou argila. Houve necessidade de atenção especial para que pudesse realizar as atividades, atenção esta que foi se modificando no decorrer do processo.

Seu envolvimento nas atividades foi frequente. Esteve disposto e realizou as propostas em todos os dias. Sempre esperava uma aprovação de seus trabalhos e foi estimulado em todos os encontros que era ele quem me dizia que o trabalho estava finalizado.

Materiais e expressão artística

Thiago pouco se expressa verbalmente e sua expressão plástica é predominantemente em garatujas.

No início dos encontros, percebi que Thiago não conseguia utilizar adequadamente tesoura ou espalhar cola ou tinta em bastão pelas folhas, nem mesmo com instruções verbais. Pegava de forma incorreta a tesoura e apertava com força sempre no mesmo lugar os bastões de tinta. Essas duas questões foram trabalhadas intensamente com ele sempre que nos deparávamos em trabalhos que pediam esses materiais. No final do estágio já conseguia manusear a tesoura de forma mais adequada e começou a espalhar a cola com instruções verbais. Também começou a fazer traços mais precisos seguindo movimentos dos meus dedos.

Apresentou dificuldade em apontar o esquema corporal e nomear as cores, exceto o azul, vermelho e marrom, que foram as cores que repetidamente utilizou.

As atividades que mais se manteve envolvido e disposto foram as que traziam música e movimentos corporais. Através dessas atividades pude perceber uma expansão de seus movimentos, fazendo com que sua percepção espacial ampliasse no corpo e no papel. As figuras 23, 24 e 25 mostram seus trabalhos realizados no 10º encontro, onde trabalhamos com música e movimentos corporais. Todas as músicas tinham ritmos semelhantes.



Figura 23 - Primeira atividade do 10º encontro: sentados, ouvir a música e expressar na folha suas sensações. (papel A4)



Figura 24 - Segunda atividade do 10º encontro: após dançarmos e fazermos movimentos corporais no ritmo da música, novamente sentaram e expressaram suas sensações enquanto continuavam ouvindo a música. (papel A4)



Figura 25 - Terceira atividade do 10º encontro: após dançarmos e fazermos movimentos corporais com fitas, bolas e argolas no ritmo da música, novamente sentaram e expressaram suas sensações enquanto continuavam ouvindo a música. (papel A3)

Thiago apresentou complexidade em grande parte de seus trabalhos, pois envolvia muitos materiais disponíveis. Teve disposição para experimentar tudo o que era apresentado para ele.

Outro ponto visível de Thiago é sua memória em relação aos encontros passados, pois em algumas atividades fazia referência a elementos trabalhados anteriormente. Isso foi percebido através de indicativos de recortes e algumas palavras que ele verbalizava, estabelecendo vínculo e sentido com o que foi trabalhado.

Encerramento individual do projeto

No encerramento, ele apontou a flotagem do grupo (figura 26) como o trabalho que mais lhe chamou a atenção.



Figura 26 - 19º encontro: integração, eu no grupo. Foi um encontro para falar de individualidade e grupo. Os participantes fizeram uma imagem em grupo com um barbante e cada um fez uma flotagem dessa imagem. Sobre essa flotagem, fizeram a expressão individual.

Neste dia, ele finalizou, com a minha ajuda, o trabalho que fizemos com a figura do nosso corpo (figura 27) e fez pintura com bexiga (figura 28), manuseando os materiais da bexiga de forma independente.

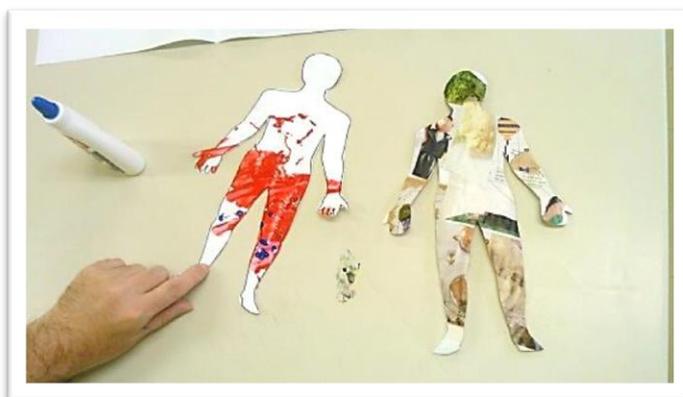


Figura 27 - 22º encontro: colagem e pintura. Reconhecimento do corpo e sua composição "físico-sentimento-pensamento"



Figura 28 - pintura com bexiga realizada no encerramento do processo individualmente com o Thiago

Escolheu a argila (figuras 29 e 30) como o trabalho para nova interferência e ampliou o preenchimento da folha em que ela se encontrava. Utilizou a pintura com bexiga para preencher o espaço.



Figura 29 - 20º encontro: atividade com argila - forma e cor das sensações despertadas através do contato com o material



Figura 30 – interferência no trabalho com argila. Preenchimento do espaço através da pintura com bexiga.

Para encerrar o encontro, pedi que representasse em uma imagem a participação dele no processo arteterapêutico, e ele escolheu a imagem do “leão”¹² (sic) contida no seu trabalho de colagem (figura 31).



Figura 31 - 4º encontro: colagem. Identificação de figuras em revista.

Retomada dos trabalhos seis meses depois (individualmente)

Seis meses depois, Thiago recordou de algumas atividades. Fez referência aos mesmos trabalhos escolhidos no encerramento. Escolheu a argila¹³ como o material que mais gostou de usar, a colagem¹⁴ como o mais

¹² A imagem é de um gato.

¹³ Figura 29

¹⁴ Figura 31

bonito e o que mais gostou de fazer foi a flotagem do grupo¹⁵, que também escolheu como o mais difícil. O mais fácil foi o trabalho do corpo¹⁶.

Diante de tudo o que foi observado, pude perceber que Thiago tem uma disposição e motivação para ampliar suas percepções. Quando motivado, poderá conseguir maiores progressos. Apesar de pouco verbalizar, demonstra ainda armazenar e resgatar informações na memória através de ações e referências que faz de seus trabalhos. A arteterapia tem contribuído para melhorar seu desenvolvimento e sua autoestima e aprimorar, especialmente, sua percepção espaço-visual e sua coordenação motora.

Pedi que fizesse uma composição com os trabalhos escolhidos e que tirasse uma fotografia.



Figura 32 - Retomada dos trabalhos seis meses depois feita individualmente com Thiago. Essa imagem representa a composição que criou e fotografou dos trabalhos escolhidos.

¹⁵ Figura 26

¹⁶ Figura 27

3. DISCUSSÃO

A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares
(Marcel Proust)

Início essa discussão trazendo Vygotsky in Carneiro (2006) e pontuando que as pessoas com deficiência intelectual não são pessoas menos desenvolvidas que aquelas que trazem as possibilidades orgânicas íntegras, não devemos fazer comparações, pois são pessoas que apenas aprendem de modo diferente e, como para qualquer aprendizado, as relações com o meio são essenciais para aprimorar o desenvolvimento.

Concordando com Vygotsky, é preciso impulsionar o desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual através da superação de suas dificuldades inatas. Isso pode ser feito a partir da criatividade, a fim de que esses estímulos levem a compensação dessas dificuldades. Percebo que a arteterapia tem papel fundamental nesta questão ao abranger diferentes estímulos e diferentes linguagens.

Ainda trazendo a teoria de Vygotsky, é importante considerar que um impedimento para que o desenvolvimento ocorra está diretamente ligado às mediações, ao tratamento da pessoa com deficiência como algo determinado e não um ser em processo.

A deficiência em si não é mola propulsora desses novos caminhos, mas as dificuldades derivadas das mesmas e suas repercussões nas relações sociais.
(BRAGA, 1995, pg.72)

Ao trabalhar com pessoas com deficiência intelectual, é essencial olhar além do diagnóstico e considerar as suas possibilidades de desenvolvimento e estimular suas habilidades.

Ao observar meu grupo no estágio, percebo que Thiago apresenta impossibilidade de desenho e traços delimitados e comprometimento motor e articulatório na fala, porém, no contato com os diversos materiais disponíveis nos encontros arteterapêuticos, demonstrou estar motivado a experimentar as inúmeras possibilidades de expressão que a arte nos oferece. Participou dos encontros com disposição e houve tentativa de expressão verbal de seus trabalhos, apresentando vínculo com as atividades propostas. Além disso,

apesar do seu diagnóstico de encefalopatia crônica e tetraparesia espática que enfraquecem e impossibilitam determinados controles motores, apresentou melhora no manuseio dos materiais necessários para sua expressão, tais como ampliação do espaço utilizado nas folhas, utilização mais adequada da tesoura, da cola e da tinta bastão. Isso demonstra uma ampliação na sua habilidade viso-espacial e motora que foram conquistados com os estímulos e o ambiente oferecidos. "A arte tem poder. E ela pode mover as pessoas de várias formas, desde que aconteça uma conexão de ordem pessoal"¹⁷.

Thiago também apresentou essa conexão com os trabalhos quando sinalizava referências trazidas da memória sobre atividades passadas. Também apresentou essa conexão através da escolha dos trabalhos mais significativos que foram iguais na finalização do projeto e seis meses depois, trabalhos estes que envolviam materiais maleáveis e que provocavam o despertar de sentimentos, tais como tinta, argila e barbante, e de fácil estruturação, como a colagem. Isso nos indica a relação positiva com essas expressões e uma memória e percepção seletiva motivada por uma relação que se estabeleceu durante o processo.

Já para Felipe, apesar de verbalizar desinteresse em trabalhos artísticos, suas expressões despertavam orgulho e alegria por ter concluído as atividades. Ele apresentou ter dificuldade de iniciativa, especialmente quando as atividades tinham propostas de teor abstrato, porém aquelas que ele julgava serem mais difíceis de executar eram as que mais lhe satisfaziam ao finalizar. Inúmeras vezes ele verbalizava "não sei o que fazer, deu branco" (sic) e era estimulado a todo momento a preencher o branco com as sensações presentes.

O seu pensamento concreto tendia a levar o julgamento de seus trabalhos a formas "esteticamente aceitas" e, por esse motivo, relatou o desinteresse em desenhar e apresentou frustração com relação aos seus trabalhos que envolviam desenho. Observei que atividades de colagem, pintura com tinta, flotagem e criação de histórias eram mais aceitas que as atividades de pintura com materiais de traços controlados (canetinha, lápis de cor, giz de

¹⁷ Neil Springham, chefe do departamento de Arteterapia do Serviço Nacional de Saúde (SNH) DA Grã-Bretanha. – revista viva saúde

cera), percebi que essas atividades desmotivavam sua permanência. “Iara, eu tentei fazer” (sic) e era reforçado a cada fala como esta: você fez!

O poder da autoridade de inovar, de fazer diferente, aumenta a autoestima, fortalece a personalidade e dota de energia a consciência para enfrentar futuras escolhas e definições diante da própria vida (URRUTIGARAY, 2011, pg. 20)

Felipe fazia diferente e foi o diferente que mais lhe chamou a atenção, entrar em contato com atividades que nunca tinha feito. Este dado podemos observar na escolha de seus trabalhos mais significativos, tais como pintura com bexiga, flotagem e pintura com bola de gude, que foram escolhidos por serem atividades diferentes, que nunca tinha realizado. Essas atividades também apresentam características de não precisar ter o controle, ou seja, Felipe não entrava em contato com os traços bem delimitados. Atividades com as formas geométricas e falar de si foram lugares confortantes para Felipe. Esse dado está relacionado ao seu modo de pensamento concreto e raciocínio através da vida prática.

No encontro que tivemos seis meses depois do projeto ser encerrado, observei que houve dificuldade em resgatar na memória o processo das atividades, diferente de Felícia e Thiago. Somente lembrou quando eu indicava pistas ou relatava a forma como trabalhamos. Isso demonstra que, apesar de apresentar o comprometimento intelectual mais leve, essa função cognitiva pode estar mais comprometida que nos demais, que apresentam deficiência intelectual mais acentuada. Esse dado também pode estar relacionado à desmotivação, pois o sentido que damos às situações interferem no nosso arquivamento de informações na memória.

Felipe saiu do grupo, mas percebo que, para ele, a arteterapia abriu possibilidades de experiências novas e de formas de preencher o branco que tanto lhe acompanhou nos encontros. “Eu aprendi que às vezes dá branco, mas se a gente tenta, a gente consegue” (sic).

O convite ao trabalho com arteterapia é um convite à individuação porque supõe o risco de poder expressar-se, ir contra as regras vigentes, os modelos idealizados, a tradição, os costumes, a conformidade. Isso implica poder ousar, ver-se,

experimentar-se, soltar-se, sair de estados confortáveis, confiáveis, seguros e estagnados, para outros lados escuros, ainda não conhecidos de si mesmo, dando ao usuário a chance de romper com a ilusão de perfeição e de superioridade tão nefasta à criatividade e à integridade psicológica (URRUTIGARAY, 2011, pg. 80)

Felícia mostrou motivação em participar dos encontros, porém certa resistência quando fazíamos atividades em grupo, comportamento este que foi se alterando no decorrer do processo. Essa percepção também surgiu através da sua fala “aprendi sobre relações com o grupo” (sic).

No início do processo, apresentou preocupação com a estética dos trabalhos, com as “perfeições” e, observei durante o decorrer dos encontros que começou a conseguir deixar trabalhos inacabados e “imperfeitos”. Felícia começou a deixar fluir: “não significa nada, fui fazendo” (sic). Essa sensação de mais leveza na realização dos trabalhos foi observada nas leituras individuais. Felícia não se incomodou com seu trabalho de argila quebrado e ainda o escolheu como o material que mais gostou de manusear “porque é de barro e suja as mãos” (sic). Material e sensação de muitas trocas de energia.

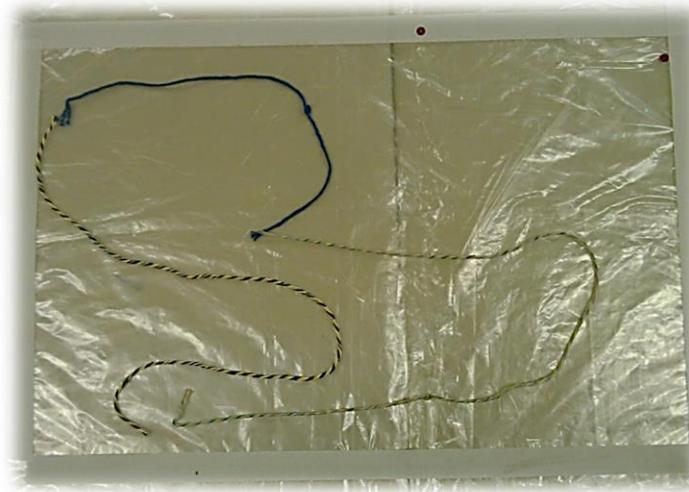
Passar a não seguir tantos padrões e o descompromisso com o por que expressar daquela forma demonstra um espaço terapêutico que despertou em Felícia “ser livre” (sic).

Os trabalhos escolhidos por Felícia na finalização do projeto e seis meses depois, assim como Thiago, foram os mesmos, o que demonstra a conexão com eles. São trabalhos que representam mãos e flores, que sempre estiveram presentes em suas falas. São trabalhos que não oferecem controle (flotagem, pintura com bexiga) e que desencadeiam sensações e sentimentos (argila). A falta de controle também foi observada na argila quebrada. Essas escolhas apontam para uma melhora, uma leveza, na sua autocrítica.

Me chamou a atenção que o trabalho que Felícia e Thiago mais gostaram de fazer foi a flotagem em grupo. Esta mesma atividade foi colocada por Felipe como o material que mais gostou de manusear, foi o trabalho que chamou a sua atenção nos dois encontros individuais e foi aquele que ele lembrou do processo de execução e seu significado. O tema deste encontro foi perceber o grupo e o seu espaço neste meio. Fizemos uma base de barbante

que foi construída coletivamente. Então cada um fez a flotagem sobre esta mesma base do grupo e colocou a sua identidade sobre a imagem que se formou. Falar sobre grupo e individualidade foi um tema que impactou nos três.

As figuras a seguir ilustram o resultado desta atividade:



Felipe

Thiago

Felícia



Para encerrar essa discussão e abrir espaço para outras reflexões, cito Saviani (2004) sobre arte, criatividade e arteterapia:

O criar em arte possibilita um exercício de capacidades, que também podem ser usadas em outras circunstâncias. A vantagem do fazer artístico é que podemos exercitar a soltura, pois em outras situações na vida nos prendemos, com medo das conseqüências. À medida que se testa, experimenta, cria-se mais abertamente em arte, entra-se mais em contato com o que vem de mais verdadeiro, e então se conhece melhor e trabalha-se mais profundamente, e confia-se mais para criar em outras situações da vida.

4. CONCLUSÃO

"O senhor... mire e veja. O mais importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. (...) É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (...)"
(João Guimarães Rosa)

Thiago e Felícia manifestaram o interesse em continuar participando dos encontros arteterapeúticos. Este envolvimento, somado aos sinais de ampliação da percepção viso-espacial e a motivação apresentada para realizar as atividades, demonstra que a arteterapia tem contribuído para o desenvolvimento pessoal dos participantes.

Foi observada, também, a importância da escolha dos materiais a serem trabalhados para que possam propiciar um processo de aprimoramento e não de frustração. O estímulo do meio é fundamental para o envolvimento e desenvolvimento.

Através dos encontros arteterapeúticos, foi observada a ampliação da percepção viso-espacial e percepção de si nos três casos. Para Thiago, também ficou evidenciada a melhora na habilidade motora, que foi estabelecida através de repetições e pistas verbais para o arquivamento e resgate da memória na execução das atividades.

Os processos da memória foram observados mais nitidamente em Felícia e Thiago, que demonstraram lembrança dos encontros. A memória afetiva foi apresentada nos três casos, quando relacionaram trabalhos nos dois momentos de apreciação do todo trabalhado.

Através da flotação em grupo, atividade que teve conexão com os três participantes, pude observar a personalidade de cada um em suas interferências. Assim como na realização da composição dos trabalhos para a fotografia (figuras 13, 22 e 32). Felícia se mostra mais preocupada com o resultado, realiza as atividades mais lentamente, testa algumas formas e sobrepõe cores e trabalhos. A argila quebrada foi remontada em sua composição. Thiago também faz sobreposição dos trabalhos, porém sua composição é mais impulsiva e desorganizada, assim como a realização de seus trabalhos. Felipe demonstra seu comportamento mais simplista e

concreto, compondo os trabalhos de forma organizada lado a lado. Esconde o seu “lado feio” sob a imagem que tem de si.

A deficiência pode ser entendida não como um problema, mas como um desafio para a superação das limitações por meio de um processo criativo individual e conjunto. (BRAGA, 1995, pg.121)

Diante de tudo o que foi vivenciado e observado, percebo que o processo arteterapêutico tem uma importância potencial no desenvolvimento pessoal das pessoas que por ele passam. A arteterapia contribui para o aprimoramento da qualidade de vida dos participantes, especialmente quando motivados e envolvidos. Este aprimoramento abrange a sua autoestima, autoconfiança, relações sociais, criatividade, habilidades viso-espaciais, habilidades motoras, entre outros.

O estágio me ofereceu um leque de possibilidades de reflexão acerca dos caminhos para compreensão do alcance da arteterapia. Optei, neste momento, por seguir a trilha do desenvolvimento pessoal mais focado na percepção individual conectada ao processo arteterapêutico. Espero com este trabalho qualitativo contribuir para o aprimoramento da realização do processo arteterapêutico com pessoas que possuem deficiência intelectual, propiciando reflexão acerca das possibilidades que podem ser despertadas, independente do diagnóstico dado.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, N.; RIVERO, T.S.; COUTINHO, G.; BUENO, O.F.A *Neuropsicologia da aprendizagem e memória* in *Neuropsicologia[recurso eletrônico]: teoria prática* / Organizadores, Daniel Fuentes... [et al.] 2ºed. – dados eletrônicos – Porto Alegre : Artmed, 2014.

BRAGA, L.W.; *Cognição e Paralisia Cerebral: Piaget e Vygotsky em questão*; Salvador : SarahLetras, 1995.

CARNEIRO, M.S.C.; *A deficiência mental como produção social: de Itard à abordagem histórico-cultural*. In BAPTISTA, C.R. (org); *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*; 1ºed; Porto Alegre : Mediação, 2006.

CIORNAI, S.; *Arteterapia Gestaltica* in CIORNAI, S. (org); *Percursos da Arteterapia: arteterapia gestaltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*; São Paulo : Summus, 2004

FRANCISQUETTI, A.A.; *Lições de casa* in CIORNAI, S. (org); *Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e historia da arte*; São Paulo : Summus, 2004. Pg 17

FROMM, E. in BERES, V.L.G.; *Quando nos tornamos velhos? Aspectos internos e externos desta questão*; 1ºed; São Paulo : Vetor, 2002.

GHERPELLI, M.H.B.V.; *Diferente, mas não desigual: a sexualidade no deficiente mental*; São Paulo : Editora Gente, 1995.

GINGER, S. e GINGER, A.; *Gestalt: uma terapia de contato*; [tradução Sonia de Souza Rangel]; São Paulo : Summus, 1995

KASTRUP, V.; *A invenção do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*; Belo Horizonte : Autentica, 2007

MARCUCCI, M.; *Deficiência Mental* in SOUZA, A.M.C. (org); *A Criança Especial: temas médicos, educativos e sociais*; São Paulo : Editora Roca, 2003

PHILIPPINI, A.; *Linguagens e Materiais Expressivos: uso, indicações e propriedades*; Rio de Janeiro : Wak Editora, 2009.

SANTOS, F.H., *Sistemas de memória: funcionamento típico, atípico e reabilitação* in FILHO, A.S.C. e GROTH, S.M. (organizadores), *Envelhecimento e Deficiência Mental: uma emergência silenciosa*, São Paulo : Instituto Apae, 2004.

SCHIFFMAN, H.R.; *Sensação e Percepção*; 5ªed.; Rio de Janeiro : LTC, 2005.

URRUTIGARAY, M.C.; *Arteterapia – a transformação pessoal pelas imagens*; 5ªed.; Rio de Janeiro : Wak, 2011.

VYGOTSKY, L.S.; *A formação social da mente*, 4ªed, São Paulo : Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, 10ªed. São Paulo : Ícone, 2006.

Referências disponíveis na internet:

COELHO, T.P.C.; BARROCO, S.M.S; SIERRA, M.A.; *O conceito de compensação em L.S.Vigotsky e suas implicações para educação de pessoas cegas* in <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/154.pdf> [consultado em 08-06-2016]

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/> [consultado em 10-07-2016].

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. *Vygotsky e o desenvolvimento humano*. In <http://www.josesilveira.com> [consultado em 08-06-2016].

SÁ, F.K.B., 2015: <http://paisdeautista.com.br/cognicao-e-inteligencia-sao-a-mesma-coisa/> [consultado em 03-06-2016]